

Livro: NOTURNO

Autor: William Lial

O medo e a dúvida

Algumas vezes esqueço a dor que me assola,
Algumas vezes lamento a vida que não tenho,
Algumas vezes lamento a vida que tenho,
Algumas vezes acredito ser a dor que me apavora,

Algumas vezes olho para o passado e o vejo medonho,
Algumas vezes não quero acreditar que fui aquele...
Algumas vezes tenho medo de ainda ser o mesmo,
Algumas vezes tento acreditar que esse alvitre é um sonho,

Algumas vezes tenho vergonha de sentir-me assim,
Algumas vezes digo que vou parar de lamentar meu mundo,
Algumas vezes escondo meu rosto do espelho que me procura,
Algumas vezes quero chorar e fugir de mim.

Ao infinito

Ela olhou o horizonte,
Viu seu madrigal cinza-dourado
Distante
E desejou o seu infinito.

Olhou os ramos,
Sorriu com seu bailado
De concubina sensual
E desejou o seu infinito.

Olhou o céu,
Analisou as estrelas
E desejou o seu infinito.

Olhou o mar,
Estudou as ondas
E desejou o seu infinito.

Olhou as pedras,
Vislumbrou-as lá embaixo
E lançou-se ao seu infinito.
Malogros da solidão

Foram sopros fortes
que nos derrubaram,
Foram lágrimas torrenciais
que caíram do céu,
Foram assobios terríveis
que inibiram nossa coragem,
Foram vultos soturnos,
Foram sombras velozes,
Foram passos marcados,
Foram crenças malogradas
Que nos fizeram cair.
Foram o medo e a solidão
Que nos fizeram descobrir
Que sozinho estando,
Malditos, somos.

Loucura

Loucura foi dizer que não;
Que eu não sabia o que era,
Que eu não sentia o que me trucidava.
Loucura foi fingir não ter medo.
O reconhecimento do medo teria salvado-me.
A covardia de não assumi-lo derrotou-me.
Loucura foi esconder-me no meu peito,
Sorrir ao mundo,
Enquanto chorar diante o espelho,
Dizer estar bem,
Quando eu nem se quer sabia como eu estava.
Loucura foi dizer que eu era feliz,
Se eu jamais havia apresentado-me à felicidade.
Loucura foi não ser louco como tantos.
Loucura foi não me admitir louco,
Quando a loucura era a única coisa
que me igualava aos outros.

Estrangeiro

Hoje me sinto um pouco Sr. Meursalt,
O estrangeiro personagem de Camus.
Não tão indiferente ao mundo,
Não tão frio ou malgrado,
Mas estranho de mim mesmo,
Estranho da terra onde vivo,
Estranho da vida que quase vivo.

Hoje olho as paredes e não as reconheço.
Percebo que jamais as reconheci,
Percebo que jamais as tive dentro de mim.

Hoje não reconheço a história que assisti
Como a minha,
Como uma história que construí.
Não sinto o vento
Como meu vento,
Não sinto os outros
Como meus outros,
Não sinto nada
Como alguma coisa,
Não sinto ninguém
Como alguém,
Não sinto a mim
Como um eu de mim mesmo.

Hoje gostaria de estar lá.
Não sei precisamente onde.
Sei apenas que não seria aqui,
Entre essas paredes,
Entre esses rostos,
Debaixo desse calor,
Debaixo desse estupor
Que transformaram os meus amanheceres
Em terra estrangeira.

Hoje gostaria de sentir o frio
De outro mundo,
Gostaria de sentir as faces,
Gostaria de sentir as peles,
Gostaria de sentir as bocas,
Gostaria de sentir-me e descobrir-me
Sentindo-me em outro mundo.

Hoje gostaria de não estar aqui

Escrevendo a você que não conheço
Sobre dores que desconheço a razão,
Sobre uma angústia que deturpa meus sentidos,
Sobre uma febre que me queima o peito,
há muito, aberto,
Sobre um desencontro de alguém que talvez jamais,
Jamais buscou algo encontrar.

A Coisa

Era uma coisa jogada ao chão,
Era um resto,
Resíduo qualquer de algo
Que um dia
Talvez tenha existido.
Era um corpo estranho,
Empecilho, obstáculo revoltante
Para aqueles que passavam apressados.
Era um objeto ignóbil,
Ouvidor impassível de impropérios,
A ele, destinados.
Era sem culpa.
Era a migalha do que um dia foi,
Um corpo de quem um dia foi um homem.
Era sem vida,
Era ignorante,
Não ouvia os verbos injuriosos,
Não sentia os chutes apressados,
Não doíam no ego os olhos fulminantes.
Era uma coisa como qualquer outra coisa
Que ninguém quer que esteja lá.

Era um entulho desnecessário
Que jazeu a manhã seguinte,
Retirado num baú sem nome,
De uma cor comum,
De um tamanho corriqueiro.
Era uma peça de carne morta
Que agora jazia em outro lugar qualquer.
Era algo que nem mais algo era,
Que se foi antes que alguém soubesse
Se um dia, algo, fora.

O Preço

Muitos homens
Sonharam com o que eu realizei.
Muitos homens
Não se realizaram,
Mas viveram,
Viveram o que eu
Não vivi para realizar-me.

A Roupas

A roupa suja
Grudada ao corpo esguio e fraco.
A roupa triste
Como as reminiscências de ontem.
A roupa dolorosa

Como as lágrimas de seu senhor;
Desumana como a desonra de viver dócil.
A roupa cinza e fugitiva
Como o sonho daquele
Que a envolve no esqueleto fóssil.

Frente à cena mísera

Vários homens sentiram seus olhos
Choverem,
Vários homens sentiram seu peito
Ruir,
Vários homens sentiram o grito mudo
Que seu âmagô bradava,
Vários homens viram outros homens
Doer,
Vários homens viram a angústia
De outros homens,
Vários homens viram a miséria
Corroer a alma dos seus,
Vários homens viram a solidão
De outros homens,
Vários homens viram corpos
Ocos jazendo ao alento,
Vários homens viram sangue
Em corpos de outros homens,
Vários homens viram
Que vários homens choram.

Vencido

Então a lágrima escorreu no rosto,
Enquanto os olhos afogavam-se no pranto,
Enquanto a boca chorava em silêncio
Lamentos de uma vida esbagaçada.

Então as mãos fecharam-se em punho,
Socaram o ar, espalharam a lágrima na face.
Então o peito ergueu-se belicoso,
Sedento por vingança,
Intrépido de ardor.

Então a boca rasgou um grito,
Ofendeu os céus,
Cuspiu no infinito
E o corpo caiu aflito.

Então, vencido, no chão,
contorceu-se.
Pedi a morte,
ganhou uma longa e triste vida.
Implorou a dor que partisse,
A dor ficou, viva e grunhida.

Então se entregou.
Desistiu da morte,
Aceitou a vida.
Enxugou as lágrimas,
Expôs a ferida.
Disse adeus a si mesmo

E entregou-se, em vida,
a despedida.

Desgraçado

Se aqueles que amam
Sentem a dor dos desgraçados,
Imaginem o reles que vos fala,
Que já sou um desgraçado
Sem amar ninguém.
Qual dor hei de sentir?

Não tentem compreender-me

Não tentem compreender-me,
Se nem eu sempre me compreendo.
Compreender-me seria decifrar-me
E assim
Assassinar a máscara
Que tanto me custou criar.
Sem minha máscara
Sou igual ao mais igual dos homens,
Eu.

Líder

Um filho nasceu,
Em meio ao caos que bradava,
Como fonte de esperança
De outros filhos que desde
Muito sofriam as decrepitudes
De sua nação.

Um novo sangue
Para comandar uma velha plebe,
Uma nova voz
A dirigir o vindouro dos, ainda,
Miseráveis.

Veio como um vislumbre de luz
A muito esperado e observado.
Trouxe consigo o verbo,
Arma sempre eficaz
Entre os domínios do povo.
Arregimentou homens,
Fez acordos e prometeu
Atender as orações.
Transformou o medo em força
E a esperança em ordem.
Modificou o possível,
Macaqueou o inviolável
E seguiu entre a espera
Dos que o edificaram.

Vida para o que vive

Nenhum sentimento é tão medonho
Como a pena de si mesmo.
Nenhuma razão é tão desarrazoada
Como a de não viver por
Dó da própria carne;
Nem medo é mais humilhante
Do que sofrer uma dor que covardemente
Supõem só sua.
Nenhuma vida merece intitular-se vida
Para aquele que não vive.

Vates eternos

Entre as densas sombras da noite,
Eu me encontro.
Expectador do mundo,
Sofredor do mundo,
Fiel aos infiéis
Que não me crêem.

Diante seus olhos de pavor,
Estou,
Aflito por expurgar-lhe seu mal,
Doente por expor-lhe seu caos.

Quando deita sob seu teto,
Meu reflexo paira sobre sua janela.
Ávido por sua atenção,
Destruído por negar-me outra vez.

Se sorrir entre os seus,
Minhas lágrimas escorridas
Banham meu terno tão sujo
Quanto minha alma abandonada.

Quando me encontro
Debaixo do céu cinzento,
Vejo você escorregar do outro lado da rua,
Evitando minha face
Como se evitasse o seu demônio.

Assisto você perambular entre falsos risos
E ricas carnes de almas pobres,
Beijando bocas que sempre negaram meu verbo.

E não importa o quanto negue minha existência,
Sempre existirá um outro para substituir-me;
Um outro que interpretará suas dores escondidas,
Um outro *vates* sóbrio e inegável
A escrever a tristeza
Que você finge não sentir.

Meta-poeta

Por que agora me arrebatam
Esta luxúria?
Por que agora me tomam
O egocentrismo?
Por que agora me domina
Essa vontade de sobre-agir,
Essa necessidade de existir?

Por que céus e terras
Parecem meus?
Por que busco a glória
Se sou apenas um mediador?
Por que desejo o ápice
Se sou apenas um degrau?
Por que amo o sucesso
E sua ventura burlesca?
Por que vilipêndio o *Om* dos Samanas
Se minha alma está orgulhosa?
Por que acredito galgar ao infinito,
Ao Everest dos meus dias
Quando não passo de um alpinista de muros?
Por que, por que?
Por que todos esses porquês?
Por que fui e sou um idiota,
Um pobre-diabo-poeta de mim mesmo,
Um louco a ufanar a história
De grandes escritores.
Se for possível que eu tenha a capacidade
De algo ufanar deles.
Por que sou um homem,
Não um Deus,
Por que sou um não
A tudo aquilo que é indubitavelmente são.

De solidão a solidão

O céu chora lá fora,
Enquanto aqui dentro,
Um miserável tece letras

Sobre um papel azul.

A barafunda das lágrimas celestes
Do outro lado dos combogós
Fazem-nos companhia viva.

Mas ele tem medo das lágrimas partirem,
Esgotarem-se as dores do céu
E o azul negro da noite sorrir novamente.

Seu medo é ouvir seu medo
Soquear forte seu peito,
Gritar ao seu ouvido que está só
E seu mundo é três paredes...
Três paredes e uma porta aberta,
Sempre a esperar a entrada de alguém
Que nunca vem e
Nunca virá.

Mas agora o céu soluça.
Lágrimas caem ínfimas.
O silêncio corre veloz
A abraçar seu ouvido que o recusa.
Escrever agora é ruir
Sobre o papel ouvinte.
É descobrir que sem as lágrimas do céu,
Seu teto branco é o seu céu
E sua lua cheia é a lâmpada no centro do quarto.

O pranto ouvido lá fora
Caindo em torrente,
Era mais amigo que a buzina do carro
Ou o rosnar da motocicleta que escutou agora,
Indo para não sei onde.

O choro do céu
Era mais humano
E mais mimético
Que as paredes mudas
Abraçando-o agora.
Era mais afeito ao consolo
Do que eu,
Esse relógio frio de cabeceira,
Sem outra vida,
A não ser o fazer renascer dos
Segundos.

Arrogância poética

Queria ser um grande poeta
Para saber cantar o tempo e o homem;
Como não sou,
Canto em pobres versos
Minhas tristezas e minhas saudades,
Canto em míseras figuras
Meus devaneios e minhas loucuras.

Se fosse um grande poeta
Exporia o grotesco
Como se uma ninfa expusesse,
Deitaria sobre o papel
Versos de sangue azul
Como beijos de bocas almejadas.
Mas como não sou grande,
Derramo sobre o papel

Versos ferozes de bocas indelicadas,
Jamais desejadas,
Bradando impropérios medonhos,
Ausências e maus sonhos.

Eu que não sou grande,
Destruo visões, sonhos e histórias
Em nome da minha arrogância
De poeta das inglórias.

Indômito

Fique eu com meus livros,
Fiquem os macacos com seus galhos,

Fique a serpente com a maçã,
Fique o rei nos baralhos,

Fiquem os cães a perseguirem os gatos,
Fiquem os gatos a sorverem o leite,

Fique o leite a se derramar,
Fique o absinto a cair na boca de quem o aceite,

Fique o réprobo a ataviar-se de nossas leis,
Fiquem as alimárias a governar com seu vilipêndio,

Fique o pérfido a nos roubar em seu comércio,
Fiquem os protótipos de Nero a nos causar incêndios,

Fiquem as falsas gentilezas no inferno,

Fique a vida a nos ruminar,

Fique a jactância a sorrir sardônica,

Fique o falso altruísta a se preconizar,

Fique o paladino em seu cavalo,

Fique o parvo com seu estrabismo,

Fiquem vocês a ouvirem o arauto,

Fique eu com meus livros.

Bélicos

Eram lágrimas vermelhas,

Cuspidas, jorradas

De corpos humilhados,

Quebrados;

Numa arena esguelha,

Numa cena grotesca,

Numa realidade de areia.

Eram gritos endiabrados,

Guturais, radicais,

De bocas malditas,

Falidas,

Em semblantes violados,

Em peitos esfolados,

Em homens loucos,

Maltratados.

Eram braços adjutórios,

Agressivos, bramidos,
De bonecos perdidos,
Encardidos,
Entre corpos espasmódicos,
Entre restos ignominiosos,
Entre sangues desarmonizados,
Irados.

Eram, eles, destroços,
Quase sãos, quase loucos,
De sorte azarenta, nojenta,
Sob uma lama de remorsos,
Sob uma fé de invejosos,
Sob uma ordem de escabrosos.

Nas noites em que vivi

I

Nas noites em que vivi,
Presenciei homens subjugados
Pelas amarras de outros homens.
Assisti a gritos horrendos
Expurgando dores atrozes
Infeccionadas por faces grotescas.

Fui hospede do mal
Quando o mal era a única
Coisa viva nos guetos nebulosos
Protetores de raças insanas,
De humanos ingratos

Para com a vida que receberam.

Vi pernas bambas como árvores à tempestade
Dançando macabramente ao vento,
Fugindo de outras pernas
Menos bambas
Como forte titã
Que, empedernido, não desistia de sua vítima.

Vi bocas rasgadas
Arquejando salvação,
Quando as cruzes, agora de ponta-cabeça,
Perfuravam corações
A muito enganados
Pelas orações improfícuas.

Vi meus olhos fecharem-se
Diante o clamor do homem
Que vagando após a inglória
Arribava os braços
Clamando a um deus
Que jamais acreditou,
O perdão que cria benemérito
Pelo sangue que derramou.

II

Nas noites em que vivi
Assombrei-me com nuvens pouco esparsas
Que acariciavam o céu
De negro azul,

Num balé de fumaça torpe
A ser tragada pelo ar furtivo.
Como se estacionassem sobre as casas escuras,
Tocavam-lhes os telhados,
Mas partiam sem reserva
A outro mundo por vir.

Algumas vezes observavam os homens
Abaixo a se destruírem,
E pareciam ser parte daquilo.
Como se olhassem cínicas,
Seus pupilos se devorarem.

Eram como deusas
Que observavam seus súditos,
Vestidas em longas vestes madrigais
Esvoaçando aos quatro cantos,
Como seda negra solta ao vento.

Quase as ouvia dizer,
Sedutoras e frias:
Vamos queridos.
Sejam bem vindos.
A abrirem os braços
Como se acariciassem
Aqueles pseudo-homens,
A se infernizarem
Em suas próprias fezes.

Lágrimas

Algo me feriu
Em algum lugar
No passado.
Em algum caminho
Que é escuso
A minha dor
E tão necessário
A minha sanidade.

Um algo importante
Partiu-se,
Desmembrou-se de mim
E talvez esteja
A deriva
Em algum lugar
Distante,
Contraditoriamente dentro de mim.
Uma conclusão
Mal concluída,
Um veredicto
Incerto.

Talvez tenha sido
No tempo da delicadeza,
Como disse o poeta.
Quem sabe quando
O mundo,
Eu ainda descobria
E a vulnerabilidade
De um sonho
Que era minha vida,
Foi provada
Por alguma lâmina
Do desconhecido;

Quem sabe
Dormi entre lençóis
De cama
E acordei entre almofadas
De sangue;
Quem sabe
Ainda durmo
E tudo isso
É um pesadelo;
Quem sabe se...
Se quer,
Existo.
Talvez tudo
Não passe de uma
Brincadeira intrépida
De algum coringa
Sarcástico e malévolo.
Quem sabe você
Não me ler
E eu não escrevo para você,
Quem sabe este papel
Não existe
E a linguagem das letras
Ainda não foi
Inventada,
Nem minha pandora
Foi aberta,
Nem minhas dores
Reveladas,
Nem meu sonho
Violado e eu
Jamais tenha
Acordado.

Quando...

Quando um dia sorri,
Ignoraram-me.
Quando um dia pedi ajuda,
Viraram-me as costas.
Quando um dia abri os braços,
Não veio ninguém.
Quando um dia lecionei,
Não quiseram aprender.
Quando um dia escrevi,
Ao lixo levaram meus versos.
Quando um dia amei alguém,
Esse alguém se foi.
Quando um dia chorei,
A solidão me abordou.
Quando um dia me cansei,
Somente a morte me abraçou.

A criação do homem

a José Saramago

O homem o criou
E se fez seu escravo.
Acreditou no próprio devaneio
E se encontrou afetado.

O homem tinha medo
De só, se encontrar.
Inventou um pai
Para assim ter nascente a buscar.

O homem subjugou-se ao medo
De sua criação.
Agora sua invenção era seu pai,
Seu déspota, sua aflição.

O homem, então, tinha um pai,
Um criador que era sua criatura.
Assim esqueceu que o inventou,
Tornando-se seu servo; a imagem sua.

O homem tinha agora uma alma
E essa era imortal.
Sua vida na terra era de pouca valia,
Já que um céu era seu lar final.

O homem passou a bocejar impérios a sua criatura,
Para logo se desculpar pela falta insolente.
Suas palavras já não eram mais suas,
Falava agora pelo bem de seu ser onipotente.

O homem perdeu-se do homem.
Como todo mito,
Da solidão gerou o onipresente
E esse, feito Saturno, devora seu filho.

Anjo caído

Os mesmos olhos que se encheram de volúpia
Com minha dor,
Antes, agora sei que cínicos, enchiam-se de complacência
Com minhas glórias;
As mesmas bocas que antes me amaram,
Agora me escarram;
Os mesmos braços que antes me envolveram,
Hoje me expulsam;
As mesmas vozes que um dia derramaram-me
Amores e corações,
Hoje me bradam improperios e fobias;
O mesmo chão que com orgulho
Sustentou-me,
Agora se abre sob meus pés;
Até a roupa que tanta elegância proporcionou-me,
Hoje se amarrota sobre meu corpo
Com ferocidade.
Ainda assim, o mesmo homem que antes fui,
sou-o agora;
Sem glória e sem fama, é verdade.

Maldito

Minhas veias pulsam
A dor dos malditos.
Meu sangue corre veloz
Como se buscasse fugir
Desse corpo constantemente açoitado
Pelos chicotes dos dias
Nas mãos dos exércitos da noite.

Mas que sangue não correria nas veias
Em fuga de um corpo
Avassalado pelo dia
E devorado pela noite?

Minha caneta
Também pulsa
A dor dos malditos.
Escreve um verbo aflito,
Corre o papel como se corresse
Um campo de corpos devastados,
Sangrados pelas lâminas do dia
E as adagas da noite.

Mas que fluido não pulsaria
Na caneta de um maldito,
em busca da paz distante
dos olhos vermelhos do dia
e negros da noite?

Somente os malditos
Não fogem.
De que serviria a fuga
De uma maldição,
Quando se é a própria
Maldição?

O transeunte

Eu o vi caminhar sozinho,
Transeunte monótono,
Ignoto aos olhos vizinhos.
Caminhando como um turista
Recém chegado a um lugar
Que não conhece.

Eu o vi sorrir para as nuvens
E abraçar-se ao vento.
Eu o vi sentar-se ao banco
E conversar com seus sonhos,
Parolar com seus fantasmas,
Debochar de ridículas brincadeiras
E despedir-se como num breve adeus.

Eu o vi saldar jovens senhoras
Que ele não conhecia
E que se esquivavam de sua loucura,
Eu o vi agradecer aos xingamentos
Que recebia
Como se recebesse ricas ovações,
Eu o vi levar suas costas embora
A conversar e gesticular com todos
Os seres que eu não podia ver.
Eu o vi descer a ladeira
Para nunca mais voltar.

Ao léu

Algumas vezes o escárnio,
Outras o beijo,
Algumas vezes o nojo,
Outras o amor,
Algumas vezes a ira,
Outras a paixão,
Algumas vezes os impropérios,
Outras a ternura,
Algumas vezes a angústia,

Outras a felicidade,
Algumas vezes o silêncio,
Outras a balburdia,
Algumas vezes o choro,
Outras o sorriso,
Algumas vezes o medo,
Outras a entrega;

Algumas vezes isso foi a vida,
Outras, também.

Aos ignóbeis

A raiva eclode dentro de mim.
Queria esbofetear todos que me sorriem;
Seus dentes amarelos de cinismo,
Suas bocas putrefatas de opulência.

Ah, como queria que soubessem
O quão paladino é minha ira,
O quão cruel é minha dor.
Como queria puní-los,
Simplesmente por existirem.

Porcos que me deram as costas.
Saibam que suas costas não vejo,
Vejo sua pose de senhor dos energúmenos
Que ainda hei de destruir.

Senhores que me ofertaram falácias,
Que me beijaram a face judiada,

Que me abraçaram o corpo torturado;
Senhores,
Um dia verão-me felicitar o verme que recusará suas carnes.

Fim dos dias

Velhos verbos
De horrores passados,
Furtavam-lhe a mente,
Quando sua lucidez
Já se tornava ausente.

Velhos rancores
De albatroz homicida,
Tomavam-lhes os pulso,
Quando sua objetividade
Já era de golpes confusos.

Velhas mulheres
De perfumes felizes,
Destruíam-lhe com saudades,
Quando seu coração
Já desconhecia amabilidades.

Velhos segundos
De jogral da alegria
Ruflavam ao longe, partiam,
Quando seus lábios rachados
Já, frígidos, feneciam.

Velhos mundos

De paixões e dores senis,
Questionavam-lhe a sobrevivência
Quando a pedra de seu pórtico
Já não mais era excelência.

Velhos olhos
De uma velha carcaça,
Quedavam-se ao infinito,
Quando vislumbrando o passado
Já beijava um corpo falido.

Velho homem
Do velho mundo,
Chorava seu luto,
Quando seu saco de ossos nauseabundo,
Já mergulhava nas água de Netuno.

Párias

Aqueles párias que sempre me subjugaram
E por falta de ventura
Agora me lêem,
Meus sentimentos e felizes exéquias.

Desculpem-me se fui duro com todos.
Não era a minha vontade.
Eu desejava ser inescrupulosamente
Cruel.
Mas, mais uma vez, peço-lhes desculpas.
Não sei igualar-me a vocês.

Indesejáveis, srs. Párias,
Gostaria de poder ter pagado tudo,
Tudo o que indubitavelmente mereciam.
Infelizmente não houve tempo
Nem capacidade da minha parte.
Não sou bom em atos grotescos.
Queria devolver-lhes
Tudo o que me presentearam,
Mas não tive competência
Para dar-lhes tudo o que mereciam.

Mas partam tranqüilos.
É vossa hora de ir.
Agora que o mundo não mais aceita
Vossos açules.
Partam ao seu lugar,
Um lugar bem mais merecedor
De sua coorte.
Meçam sete palmos
E acomodem-se.
Em fim,
Têm a sua terra tão merecida,
Honrosa, suja e fria.

Saturno*

Ontem quis vencer o medo,
Hoje quis vencer o mundo,
Amanhã quererá vencer Saturno
E só conseguirá ter um fim a esmo.

**Saturno ou Cronos – rei dos deuses que, na mitologia greco-romana, engolia seus filhos ao nascer, para evitar descendentes. Metáfora do tempo que a todos devora através dos dias.*

A prostituta

Era a tristeza de homens tristes
Que a procurava;
Quer velho,
Quer jovem fossem.
Eram homens órfãos do dia
A irmanarem-se à noite.

Era a dor deles
Que ela abrandava:
Sua fome de euforia,
Sua ânsia de sorriso louco
E a glória egocêntrica.

Era no seu sorriso
Que eles regozijavam-se;
Nas suas coxas,
Nos seus seios,
Nas suas mãos e boca.

Era no dia dela
Que a noite deles terminava,
Naquele quarto vermelho,
Naqueelas almofadas bregas,
Naquele calor lascivo.

Era ela, naquele lupanar,

A cortesã dos seus beijos:
Os únicos recebidos
E não roubados: comprados.
Era ela a mulher “depravada”,
Ignorada, mas não largada.
Era todo o mal e todo o bem,
Era a sua vergonha,
Era o seu prazer.
Era ela a fêmea:
Doce, perfumada, temida e desejada.
Único ouvido de suas lamentações,
Única voz atenciosa de seu âmagô.
Era ela,
A prostituta.

As duas mortes

Morreste hoje.
Esquecido, poderás morrer,
Novamente amanhã.
Que nem sempre
A morte é uma só.

Morrerás a morte no corpo,
Morrerás a morte na ausência
Da lembrança,
Morrerás a morte nos olhos
Dos que não mais o verão,
Morrerás a morte com a névoa da memória.
Morrerás a morte
Ao bel-prazer de Cronos

Que devora a vida através dos dias,
Através da terra e do pó,
Morrerás a morte
Através da falta de escrúpulo
Do esquecimento póstumo.

Homens, e homens

Existem homens que enchem a barriga como reis,
Existem homens que têm o rei na barriga;

Existem homens que odeiam gritos,
Existem homens que gritam aos que odeiam;

Existem homens que pagam suas dívidas,
Existem homens que se endividam e não pagam;

Existem homens que choram de felicidade,
Existem homens que sem felicidade, choram;

Existem homens que durante a vida brincam,
Existem homens que brincam com a vida;

Existem homens que amam porque são felizes,
Existem homens que são felizes porque amam.

Carcomido

Tudo o que vejo agora
São paisagens negras,
Árvores mortas e flores secas,
Nuvens cinzas que usurpam meus olhos,
Corpos estranhos que se movem inexplicavelmente.

Tudo o que vejo agora
É a terra morta que paira nos meus olhos,
É o sentimento amargo que corrói
Vários peitos ignominiosos,
É o beijo falso que beija bocas
Como se beijasse vermes.

Tudo o que vejo agora
É tudo o que não quero ver,
São esses olhos negros
E esses braços içados, marciais,
São esses peitos que arfam
Prazenteiros a morte que os almeja,
São essas bocas pornográficas
A vomitarem palavras podres,
São amores falsos,
Verdades tortas,
Retas circulares,
Luzes apagadas,
São meios-homens
Que amam meias-mulheres,
Paixões violentas
Que destroem mundos,
Demência coletiva
Que cultiva a tortura,
Sorrisos cínicos
Que seduzem os miseráveis.

Tudo o que vejo agora
É a mentira da paz utópica e bélica,
É a falácia ruminada de ancestrais
Que se fizeram deuses
Para que a história os fizesse imortais.

As cobras que passam

Observava os automóveis
A correrem a estrada sinuosa,
Feito cobra que dança sobre a areia quente.

Apreciava os carros que passavam e iam
Como se apreciasse sua vida que partia.
Pensava em acenar aos carros
Implorando que não levassem seus sonhos embora.
Mas não acenava:
“Somente as crianças têm seus desejos atendidos.”

Então observava,
Observava os automóveis
A correrem a estrada sinuosa
Feito cobra que dança sobre areia quente,
Levando a vida de alguém que acabou de beijar.

Ode triste

Canto aos meus olhos
que vêem o atroz e o algoz,
Canto aos meus ouvidos
Que ouvem impropérios,
Canto ao meu nariz
Que inala o odor das vidas podres e fúteis,
Canto a minha boca
Que tem como dissabor o amargo-acre dos meus dias,
Canto ao meu intestino
Que moído e remoído vomita o mundo,
Canto ao meu peito
Que se enche de rancor e estupor da vida,
Canto aos meus braços
Que, cansados, não querem mais acolher,
Canto as minhas mãos
Que, trêmulas, vivem a tocar feridas,
Canto as minhas pernas
Que, fracassadas, amolecem e ruem,
Canto a mim mesmo
Que, zumbi, vou de encontro
Ao desencontro de mim.

Soberba

Louco foi você
Que um dia quis acreditar
Que Helius pertencia-lhe,
Quando na verdade
O que lhe pertencia
Não passava da posse
Do conhecimento

De nada lhe pertencer.

Errante

Poucos amaram a dor como eu amei,
Poucos se regozijaram como eu me regoziquei,
Poucos se deliciaram com o calor como eu me delíciei,
Poucos sentiram o desejo como eu senti,
Poucos beberam olhares sedentos como eu bebi,
Poucos repousaram sobre seios esplêndidos como eu repousei,
Poucos foram senhores do seu céu como eu fui,
Poucos se apaixonaram como eu me apaixonei,
Poucos abraçaram cada segundo da vida como eu abracei,
Poucos idolatraram o instante como eu idolatrei,
Poucos beijaram o fenecer errante como eu...
Como eu beije.

Disparidade

Ao jovem: crença débil no futuro,
Ao velho: morte como augúrio,
Aos ricos: dinheiro,
Aos pobres: miséria e medo,
Aos ladrões: alforria,
Aos roubados: ironia,
Aos maus: palmas,
Aos bons: vaias,
Ao agressor: reconhecimento,

Ao agredido: vil tormento,
Ao escroto: garbo,
Ao Homem: escarro,
Ao ódio: regar,
Ao amor: túmulo,
À morte: tudo,
À vida: luto.

Farto

Estou farto das loucuras
Desses homens,
Suas mentiras sórdidas,
Suas nefastas falcatruas,
Suas lágrimas aleivasas,
Suas mentes bélicas,
Seu mórbido humor,
Seu ódio à vida,
Seu relapso senso de humanidade,
Sua jactância infundada;

Estou farto,
Noventa vezes farto,
Farto de seus crimes,
De suas crenças inventivas,
De suas falácias medonhas,
De seus pretensos amores eternos,
De seus beijos nevrálgicos,
De seus olhos curiosos
e de suas mãos aliciadoras.

Que se afoguem em suas própria lama,
Que se esbaldem como os porcos que são,
Que engulam seus rabos acrobáticos
Até empanturrarem-se fatalmente
E eu possa ver-me livre de sua existência errônea.

Nuvem negra

Apenas uma nuvem negra
Acolhe-me o corpo ferido;
Maltratado e quase vencido,
Refém da idade e
Do promíscuo tempo perdido.

Apenas uma nuvem negra
Beija-me os olhos sofridos;
Cansados e desiludidos
Dos infortúnios preconcebidos.

Resposta a uma poetiza

Eu sou aquele
Que lhe encontra na sua ausência,
Aquele que busca
Tirar-lhe a morte,
Mutantear a foice em ramalhete,
Dar-lhe a ponte

Que a unirá ao amor
Para não mais existir o adeus,
Colorir “o espaço em branco
entre as bocas que se deixam”
Para logo voltarem uma a outra.
Sou aquele que aplaca a sua solidão,
Que procura vesti-la de companhia,
Que investe na cura do desespero
Com o ópio do dia,
Diluyente da noite.
Eu sou o chofer
Que a leva para o caminho dos sorrisos,
Fugindo do das lágrimas,
O braço que furta
O chicote do carrasco,
A pá que recolhe o pó
E o sopra com esperança de dar-lhe vida.
Eu sou aquele
Que neutraliza a ferida
E impede o sangue de esvair-se;
Sou aquele que fala baixinho,
Que não fere o silêncio,
Que sussurra ao seu ouvido
O sorriso etéreo de uma criança.

O meu país

Gostaria de não declamar dores.
Gostaria de desvendar sorrisos fogosos e
vozes prazenteiras.
Mas não posso.

Onde estão os sorrisos fogosos e
as bocas prazenteiras?
Não estão aqui,
Com certeza.

Assim,
declamo as dores que vejo
a regozijarem-se na cara poluída
do outro.

Declamo a morte do feto
declarado ignominioso
por ser filho da pobreza
de seus pais,
Por não conhecer a
provável imortalidade do
mal.

Não posso aplaudir
os aplausos nauseabundos
do inimigo,
Nem suas glórias
filhas da chacina dos meus.
Não posso beijar seu rosto
e apertar-lhe a mão
como faria com meu irmão.
Não sou seu irmão,
Não nasci na sua corja
e nela não quero viver.

Dizem-me os vermes:
“Quer ser mártir dos seus?”
Coitado de você, poeta
dos infelizes. Não terá glória
sua luta que já nasceu

falida. Veja os outros
que vieram antes de você.
Estão melhores beijando
a terra onde estão e
de onde jamais
deveriam ter vindo.”
Não me assustam suas
falácias, suas
ameaças.
Só tenho a palavra
escrita no papel
e com ela faço
o que posso.
Não é muito.
Talvez não seja nada.
Mas é o meu nada
em prol de um tudo,
Maior do que eu,
Maior do que você,
Porco imundo.

As crianças do meu país

Roubaram os beijos
das minhas crianças.
E não foi hoje.
Proibiram com
palavras mudas
que sonhassem
sonhos d'ouro,
Que acreditassem

na mão estendida
que outro lhe
oferta.
Entregaram-lhe armas,
transformando seus
sonhos em filmes
norte-americanos,
Transformando sua
língua em língua
norte-americana,
Transformando
suas vísceras
em sangue,
Entre o azul e o
branco
da bandeira
norte-americana.

Estão maltratando
as minhas crianças.
Estão transformando-as
em chacais sedentos
que não enxergam
vida,
Que não enxergam
nada
a não ser
a morte.

Seus risos,
Antes infantis,
Hoje são
bombas
explodindo no peito

daqueles que,
Sem saberem,
Cruzam sua trilha
de sangue e pólvora,
Seu lar de pilares
confeccionados com
AR-15.

Onde estão minhas crianças?

Essas não são.

Não reconheço essas
meninas,
beijando seus filhos
tão infantes quanto
elas.

Essas não são.

Por que os jornais
não mostram as minhas
meninas.

Aquelas que brincam
na rua com suas
bonecas de pano e
não com
bonecos de carne
e osso.

As Minhas crianças
são crianças,

Não mães.

As mães não são
crianças,

As mães são
mães.

Essas não são as
crianças

do meu país.

São?

Os beijos no meu país

Sou filho de
não longa data,
mas sou filho
de uma época de
primeiros beijos aguardados.
Um tempo em que
peitos tremiam
diante a boca desejada.
Tempo em que as mulheres
sorriam felizes
após o beijo ofertado.
Sorriamos nós também,
homens felizes por serem
o motivo da oferta
desses beijos.
Ah, como eu amava
esses beijos.
Como eu amava o perfume
dessas mulheres,
os lábios que me percorriam
o corpo
quando a intimidade
permitia-nos,
ou quando o sangue
não mais se calava.
Eu amava o meu país

por me deixar
resvalar-me em seus beijos,
por deixar-me
mergulhar a alma
entre as bocas
rosas ou rubras
que se diziam
minhas e
eram.

Por que o mundo era nosso,
o país pertencia-nos
e suas bocas também.
Ah, eu era feliz
e sabia,
como sei agora que não sou.
Não sou feliz,
e sei.

Os miseráveis do meu país

Vejo seus trapos
Num bailado macabro
sobre seus corpos sujos
que deslizam pelas
ruas do meu país
como se deslizassem
no inferno.
Parecem monstros
humanos saídos de
algum pesadelo medonho.
Movem-se como se

arrastassem uma corrente
cravejada em seus tornozelos,
como se a idade já os vencesse.
Mas muitos não passam,
se quer,
de jovens senhores sem lei.
Nunca vão a lugar nenhum
e nunca vêm de lugar nenhum.
Não moram,
deitam sua carcaça de molambos
sobre o chão,
não tão sujo
quanto seus corpos.

Outros vermes
transformaram-los em vermes,
outras lesmas nojentas
transformaram-los em lesmas.

São assim os decrepitos pobres
do meu país.

Indigentes que trafegam pelas
ruas perigosas que
a muito
são suas casas.

Filhos de uma mãe que os esqueceu,
que os destituiu de qualquer privilégio de viver,
que os entregou aos ratos e disse:

“Fica aí com eles.

Agora são eles os seus irmãos.

É com eles que devem dividir
a casa, o lar e o teto em que dormirem.”

Mas que teto?

As dores do meu país

Corrosivas e infinitas,
repugnantes e sarcásticas,
putrefatas e medonhas,
jactanciosas e voluptuosas,
amargas e profundas,
devassas e abruptas,
nauseabundas e fatídicas,
mórbidas e inescrupulosas,
algozes e grotescas,
belicosas e malfadadas,
ilícitas e germinantes,
cruéis e desdenhosas,
covardes e devassas.

Os homens do meu país

O que ocorre com os homens do meu país?
Onde se perdeu sua vida?
Quando se tornaram esses brutos que
hoje
permeiam minhas ruas negras?

Em que mundo jazem suas alegrias?
Para onde fugiu a paz?
Terá sofrido com o medo?

Terá desistido de nós?

Não a culpo.

O que houve aos seus lábios
que antes esboçavam sorrisos e
agora esboçam temor?

O que houve com suas vozes
que antes cantavam mulheres e
agora bradam verbos pios?

Em que lugar se apagou a luz
dos seus olhos
e surgiu essa catarata púrpura e
assombrosa?

Quando trocaram os corpos femininos
pelos cabos dos revolveres?

Quando deixaram de amar mulheres
para apaixonarem-se pela morte?

Quando descobriram que não eram
de fato

homens

e aceitaram-se chacais?

As mulheres do meu país

Onde se escondem as mulheres do meu país?

Minhas doces e lindas mulheres?

Que fins elas deram aos seus sorrisos?

Para onde despacharam sua meiguice?

Quando minhas mulheres trocaram seus corpos
frêmitos por esses corpos de gelo?

O que fizeram com seus beijos,
antes tão milagrosos,
hoje tão furtivos?

Aonde foram as mulheres do meu país?
Em que pátria distante
descansam suas formas?
Que mares levaram-las?
Que ventos tão cruéis
tiraram-las daqui?

Qual tragédia eximiu-as dos meus olhos?
Por que não mais vejo sua delicadeza?
Por onde ruflam suas vozes?
O que faz essa ira em seus rostos?
De onde surgiram esses energúmenos ares
acrimoniosos?
Por que trocaram sua gentileza
por essa vil agressividade?
Por que deixaram de desfilar
para pisar e ferir o chão com essa ganância
tão masculina e frígida?

Quando terei de volta aquelas mulheres?
Aqueles que tanto inspiraram meus
colegas dessa triste profissão,
aquelas mulheres que ao sorrir
desanuviavam o mundo,
aquelas que quando nos beijavam
deixavam-nos bobos e viciados
em seus lábios?
Onde andam as mulheres que sabiam,
mais do que qualquer homem
jamais soube,

o significado da palavra Amor?

Ao meu país

Aquele que
sempre seguiu seu caminho
sem jamais obstruir o passo alheio;
Aquele que
jamais,
a mão bélica,
levantou
a face miserável que
sua ajuda clamava;
Aquele que
diante a sorte infeliz do outro
não riu, nem o ignorou;
Aquele que
os trapos do outro
substituiu por trajes seus;
Aquele que
a fome de alguém aplacou
com um décimo do que tinha:
É o irretorquível dono do
meu país!